

**INSTITUTO TEOLÓGICO DA BAHIA
ITEBA
BACHARELADO EM TEOLOGIA**

**CORPOS EM SITUAÇÃO DE PROSTITUIÇÃO E A SUA RELAÇÃO
COM O SAGRADO**

**MARILDA SANTOS DE SOUZA
INSTITUTO TEOLÓGICO DA BAHIA
ITEBA**

BACHARELADO EM TEOLOGIA

CORPOS EM SITUAÇÃO DE PROSTITUIÇÃO E A SUA RELAÇÃO COM O SAGRADO

Monografia apresentada ao Colegiado do curso de Bacharelado em Teologia do Instituto de Educação Teológica da Bahia - ITEBA, como pré-requisito para obtenção do Grau de Bacharelado em Teologia.

Autora: Marilda Santos de Souza
Professora Orientadora: Ms. Maria Sandra dos Santos

Salvador – Bahia
2004

Reconhecimento

Agradeço a Deus, que me ajudou a discernir e optar por uma temática tão complexa e ampla, ao mesmo tempo tão próxima do meu trabalho pastoral, marcado por tantos e tantos rostos de mulheres únicas e singulares.

Aos meus pais que cultivaram a terra para o meu crescimento e colaboraram e muito para a mulher que sou hoje.

A minha Congregação de Irmãs Oblatas do Santíssimo Redentor que me ofereceu a oportunidade de estar vivendo esta etapa da minha vida junto às mulheres em situação de prostituição, através do Projeto Força Feminina, aqui na cidade de Salvador (BA).

A cada uma das mulheres que vem me ensinando a ser mulher guerreira, ousada, cheia de Fé na vida, com a certeza de que “Deus é Mais”.

Ao ITEBA que abriu meus horizontes dando-me a oportunidade da vivência diária com mulheres e homens de credos diferenciados, onde pude compreender que a experiência que se faz do Sagrado é algo que transcende a religião.

Enfim, a cada pessoa que direta ou indiretamente me ajudaram neste ensaio teológico.

AXÉ.

UMA SOMBRA NO OLHAR

Como uma sombra que toma conta da imensidão do ar,
dando sinais bem claro que uma tempestade está para
chegar, assim é teu olhar; parado, calado, sofrido,
machucado.

Por um motivo que às vezes só confere a você saber, sua
vida mudou, e do lado belo da vida se distanciou. Hoje
você deve estar a se perguntar; como tudo começou e
como será possível sua vida mudar.

Sonhas viver, não simplesmente existir. Longe daquelas
praças, fora daquelas calçadas, onde passam sem se quer
quer te percebe.

Oh, mulher prostituída! Por que não ousas sonhar, graças a
Deus isso o mundo tenta, mas não pode te tirar. Mesmo que
não percebas, pessoas a teu lado você encontrará. De
uma maneira diferente, sem querer te condenar, julgar,
usar... mas prontas a te ouvir, te abraçar, buscar te ajudar.
Pessoas que não deterão tuas lágrimas, mas saberão as acolher
para que a ferida não volte a doer.

Pequena grande mulher. É assim que você é. Pequena como
as estrelas e grande como a imensidão do mar. Mesmo
sendo pequena o brilho de uma estrela é capaz de atingir
a imensidão do céu e a amplitude do mar. Sombras às vezes podem
ocultar este brilho, mas jamais conseguirá apagar.

Se pudesse em poucas palavras quem sabe te definir, ousaria dizer:
Só pode te conhecer quem buscar te olhar e perceber que apesar da
dor e marginalização tens muito a oferecer e isso só compreendi lá
no fundo do meu ser, partilhando a mesa com você.

Marilda Santos de Souza

SUMÁRIO

Introdução.....	6
-----------------	---

CAPÍTULO I: “Conversando sobre o Corpo”

1.1. É possível compreender?	11
1.2. Dando-se a conhecer.....	13
1.3. Abrindo as cortinas	16
1.4. Esquecido universo de beleza	19
1.5. Corpos em dor e na dor	21
1.6. Adentremo-nos nesta dura história	26
1.7. Primeiras indagações e possíveis respostas	27

CAPÍTULO II: “Sagrado: O Mistério revelado”

2. A Essência do Ser	30
2.1. Uma dimensão além dos conceitos	32
2.2. Força Dignificadora	35
Considerações Finais	37
Referência Bibliográfica	39

INTRODUÇÃO

A HISTÓRIA QUE NÃO SE CONTA

Trazer à discussão idéias e realidades em uma monografia é uma tarefa extremamente desafiante e exigente, a começar pela escolha das muitas possibilidades de temas possíveis e o cultivo da motivação que nos leva a focalizar toda a problemática que os envolve. Tudo o que está escrito nestas páginas, foi acalentado, fecundado, gerado e nutrido em entranhas de mulher afro-descendente junto a mulheres em situação de prostituição. Esta intuição temática não surgiu do acaso e nem nasceu de uma hora para outra. São resultado de três anos percorrendo juntas este caminho de partilha e aprendizado recíproco. Assim sendo, este trabalho é fruto de contato e caminhada cotidiana, de decisões e identificação carismática com o grito que provém do porão da história.

A inserção nesse universo social de marginalização, conflitos e dores se deu a partir do meu ingresso no Instituto das Irmãs Oblatas do Santíssimo Redentor, que tem como missão específica o trabalho com as mulheres em situação de prostituição, fazendo com elas um caminho de libertação. Esta caminhada iniciou-se no ano de 1996, quando no primeiro olhar foi-me possível perceber, com mais nitidez, toda essa realidade como mulher jovem afro-descendente.

Os primeiros anos foram de estudo, esporádicos contatos e visitas a locais de prostituição. Mas a participação efetiva, abraçando esta causa, ocorreu em 2000 na consagração como religiosa neste Instituto de Irmãs Oblatas.

Na academia, os pensamentos vieram povoados pela presença de todas as mulheres que atendemos diariamente na sede do Projeto Força Feminina, no Centro Histórico de Salvador, e também nas visitas por ruas, bares, becos e boates da Ladeira da Montanha, Ladeira da Conceição, Praça Cairu e Calçada. Foram destes lugares que trazemos estes rostos, vozes e corpos empobrecidos.

Falar desta realidade de coisificação da pessoa humana marcada de forma cruel e desumana pela escravidão de ontem - e que ainda hoje leva tantos corpos a serem vistos simplesmente como objeto sexual para atrair homens de outros países e Estados - não é uma tarefa fácil. Queremos de fato ouvi-las, entendê-las e, acima de tudo, amá-las pelas mulheres guerreiras que são. Que elas sejam visíveis por meio desta escrita, mesmo que a sociedade insista em ocultá-las.

Muitos livros foram pesquisados. Várias linhas de pensamentos foram formuladas e reformuladas, conceitos e preconceitos revistos, analisados, retomados. Os livros ajudaram a clarear conceitos clássicos e confrontar linhas de pensamentos e de diferentes visões da pessoa humana.

Não foi fácil retomar alguns momentos históricos, pois existem feridas abertas na história desde a escravidão que o tempo não conseguiu cicatrizar, portanto, doem ao serem tocadas, mesmo que se tenha toda delicadeza e sensibilidade para amenizar este sofrimento. Há tantos corpos de mulheres negras hoje na prostituição, os senhores de engenho continuam a exercer a sua soberania como se a sua condição social lhe desse o direito de fazer das pessoas coisas e das coisas pessoas. Muito pouco tem sido feito pelos órgãos competentes que poderiam modificar esta situação, e dar um rumo novo a história de um povo. Pensemos por um momento, tem-se feito muito pouco, ou nada? Aqui, as respostas devem ficar longe das meias-verdades: a realidade é por demais cruel, mas a dissimulação não ameniza a dor, nem ajuda o processo de reconstrução de vidas marcadas pelo sofrimento e exploração.

Alguns breves esclarecimentos

Alguns conceitos usados ao longo deste trabalho necessitam serem esclarecidos, tais como: *corpos em situação de prostituição, afro-descendentes e sagrado*. Não aprofundamos a questão de gênero, porém temos plena consciência de que ela permeia toda reflexão que foi abordada nestas páginas.

Entendemos por *corpo em situação de prostituição* a totalidade da pessoa humana, e no caso do contexto da prostituição sabe-se ser este o instrumento de trabalho utilizado pelas mulheres neste contexto.

Ao invés de prostituta, o termo que marca nosso posicionamento frente à realidade destas mulheres é “em situação de prostituição”, pois elas são muito mais que o trabalho que exercem, são mães, donas-de-casa e companheiras. E o lugar em que elas se encontram é marcado por questões sociais, econômicas, familiares, religiosas e políticas. A prostituição é consequência de problemas maiores e que muitas vezes estão implícitos e encobertos pelo falso moralismo de uma sociedade excludente.

Consideramos afro-descendentes mulheres e homens que, de alguma forma, descendem de africanas/os ou também aquelas pessoas que optaram politicamente por sê-lo através de suas construções e suas posições. Falar de afro-descendente é reforçar a idéia de que as/os

africanas/os contribuíram e contribuem para a formação cultural e religiosa do Brasil e de forma especial de Salvador. É, portanto, um conceito político.

Trouxemos como conceito de Sagrado o que se encontra na base das relações mais profundas e que faz com que, mesmo em meio a tanta opressão, as mulheres em situação de prostituição sintam e tenham força para lutar, sonhar e buscar um futuro diferente. O sagrado é a base que confere dignidade a estes corpos.

O anseio é que, através dos gritos que ecoam nestas entrelinhas, os corpos em situação de prostituição possam ser contemplados a partir de sua fortaleza e de sua fé, ajudando a estas mulheres a perceberem que, guerreiras como são, podem muito mais. Que, debruçados sobre esta escrita, nossos corpos sejam fortalecidos e nossas mãos tocadas por aquelas mãos que desejam sair do anonimato, revelando sua relação e experiência também com o transcendente.

OBJETIVOS

Este projeto de monografia tem por objetivo o tema Corpos em Situação de Prostituição e a sua relação com o Sagrado. Neste sentido constitui-se como objetivo:

Objetivos Gerais

- Dar voz a tantas mulheres que tem seus corpos entregues a prostituição. Corpos de mulheres afro-descendentes, que são vistas e usados como objeto de prazer daqueles que podem pagar;
- Enfatizar a relação que existe com o Sagrado em cada uma destas vidas que dão testemunho de Fé, força e sabedoria;
- Suscitar as imagens do Sagrado que as liberta ou que na visão de muitas mulheres prostituídas as condena pelo que exercem;

Objetivos Específicos

- Aprofundarmos a relação dos corpos em situação de prostituição com o sagrado, bem como a relação que elas próprias estabelecem com seus corpos;
- Mas sobre tudo este trabalho tem como ousadia revelar a presença do sagrado que passa pelo corpo, e denunciar a hipocrisia de uma sociedade que faz de conta não ser conivente com a situação de tantas mulheres que são exploradas e estigmatizadas pela prostituição;

- Falaremos de corpos marcados tanto no interno, quanto no externo diante da situação que enfrentam diariamente.
- Traremos para a discussão à realidade das mulheres negras que se vêem obrigadas a se prostituírem pela sobrevivência, utilizando seus corpos como instrumento de trabalho;
- Até que possamos perceber como o sagrado constrói a identidade das mulheres em situação de prostituição.

V - HIPÓTESE

Partimos da hipótese de que: os corpos das mulheres prostituídas possuem ligação com o sagrado, e damos um passo muito maior ao apontar que é este sagrado que possibilita a reconstrução da pessoa dando-lhes força, coragem, e resignação.

VI - METODOLOGIA

A principal fonte de trabalho desta pesquisa consiste: na fonte bibliográfica, e nos relatórios baseados nos registros diários de atendimento a este público nos lugares de visita e na sede do Projeto Força Feminina.

A Metodologia utilizada é a abordagem Histórica e Crítico Feminista da Libertação a partir da Perspectiva das Categorias de Gênero, Raça e Classe. Também faremos uso da Pesquisa Participativa.

Um dos objetivos do método de leitura Crítico Feminista¹ é o de colocar no centro de sua discussão as lutas das mulheres por transformar as estruturas patriarcais. Assim sendo nos possibilita uma análise das múltiplas estruturas de opressão das mulheres. E a Pesquisa Participativa não pretende estabelecer verdades absolutas, mas partir da realidade, do hoje. Na verdade ele nos auxilia em desenvolver e partilhar experiências e saberes. Ambos os métodos compreendem que a relação investigação-participação possibilita a compreensão e reinvenção do cotidiano e das relações de poder entre as mulheres e homens, com o objetivo de recriar e transformar a realidade social.

¹ Este método Crítico Feminista da Libertação pode aprofundado com Elisabeth Schussler, Pero ella dijo – Práticas feministas de interpretação bíblica, Madrid: Trota, 1996

VII - REFERÊNCIAL TEÓRICO

Utilizamos como referencial teórico o Sociólogo e professor Gey Andréa Espinheira que em relação ao tema prostituição vem pesquisando e escrevendo sobre o mesmo desde a época que a grande zona confinada do Centro Histórico de Salvador, era o grande Maciel e no que tange a relação com o Sagrado buscamos como referência a obra de Micea Eliade que trabalha e aprofunda esta estreita relação utilizando também a exemplificação.

Outros pensadores também foram visitados como: Michel Meslin, Maria Teresa Porcile Santiso.

CAPÍTULO I

CONVERSANDO SOBRE CORPO

1. É POSSÍVEL COMPREENDER?

Entre diversas realidades de exploração e opressão da pessoa humana, a prostituição feminina é uma das mais deploráveis. É uma realidade antiga e que a cada dia torna-se mais crescente e desumana em nossa sociedade atual. Neste contexto, no qual os corpos das mulheres em situação de prostituição desaparecem completamente enquanto unificador do ser humano, o que passa a ser visto é um objeto a ser usado, como se fosse uma mercadoria. Toda sua identidade de mulher torna-se obscura, sobressaindo apenas o estigma social de “prostituta”.

A origem da palavra prostituição, etimologicamente falando, vem do termo *prostatuore*. O verbo prostituir origina-se do latim *prostituere*, termo composto pelo radical *statuo*, que significa “colocar”, acrescido do prefixo “pro” que equivale a “antes” ou “diante de”. O verbo tem, assim, o significado de “expor” ou “colocar-se diante de”. É o “ato ou efeito de prostituir-se; degradar-se; aviltar-se; humilhar-se; privar-se de dignidade; comércio do amor sexual”. O idioma hebraico bíblico traz o verbo *zanah*, que significa tanto “prostituir” quanto “praticar a idolatria”, citado em 95 situações no Antigo Testamento.

Assim sendo, podemos definir prostituição como sendo o ato de uma pessoa, com frequência, conceder a outros seu corpo por dinheiro. Pode haver ainda mulheres que não são prostitutas, mas que se apresentam com comportamentos prostitutivos. Tal atitude é a exploração do próprio corpo devido a interesses não afetivos, só com a intenção de tirar para si algumas vantagens. A prostituição com fins comerciais somente é identificada em civilizações adiantadas em nível social e moral mais complexo.

Neste contexto, a prostituta é a pessoa que exerce o comércio sexual, em outras palavras, é a profissional que comercializa o seu corpo. A mulher prostituída sabe-se “objeto sexual”, desejada, e depois abandonada. As mulheres em “situação de prostituição”¹ aventuram-se a esta atividade em idade jovem ou muito jovem, em sua maioria antes dos 20 anos. Não podemos deixar de fora o fato de que a cada dia cresce, assustadoramente, a prostituição

¹ Este conceito que tem sido utilizado atualmente, parte do pressuposto de que a mulher não é só isso, pois fora do seu “local de trabalho” ela é mãe, avó, filha, dona de casa, companheira, etc.

infantil e infanto-juvenil, atingindo meninas fugidas de casa ou induzidas ao “ofício” por seus próprios familiares. Começam cedo a se prostituírem, ainda muito jovens, mas, pouco tempo depois já são consideradas velhas pelos clientes que as trocam por outras mais jovens ainda.

Trata-se de meninas e jovens, que, em geral, até cursam o segundo grau, mas seus sonhos vão se desvanecendo rápida e profundamente, conforme vão “progredindo” na “carreira”, em grande parte por causa do tratamento a que são submetidas: maus-tratos, ausência de seus familiares, consumo abundante de álcool e drogas, que passam a ser os meios a que recorrem para ter ânimo e superar momentos de particular desânimo. Esta realidade é muito acentuada na Ladeira da Montanha e Ladeira da Conceição, onde a figura central é a cafetina², em um espaço sem salubridade, sem higiene, com quartos apertados e mal arejados, péssima instalação sanitária, quando existe.

Há ainda as antigas boates e bares, que estão em fase de decadência e não oferecem segurança alguma. Mas a maioria opta por lugares mais abertos, como Praça da Sé, Calçada, becos e travessas do Pelourinho, e a Praça Cairu (calçada da Igreja da Conceição da Praia). Nestes locais, elas não dependem de cafetinas e cafetões e tem liberdade de ir e vir quando querem, entretanto estão à mercê dos clientes, por não possuírem a proteção da cafetina. Estas mulheres provêm, em sua maioria, de classes sociais inferiores, geralmente de ambientes familiares desestruturados, e se vêem impelidas pelo sonho de um futuro diferente.

Não estão incluídas neste perfil as *call-grill* (garotas de programa), que são jovens universitárias, que tiram da prostituição dinheiro para manter um alto padrão de vida, e terem condições de adquirir roupas caras e frequentar instituições de ensino superior particulares. Estas mulheres são seletivas, se envolvem com homens da classe alta e se encontram “protegidas” em locais denominados “casas de massagem”, “drink bar”, “nigth club”, ou através de “agências” especializadas neste tipo de atividade, quando não em seus próprios apartamentos.

O fenômeno da prostituição não é algo fácil de ser compreendido e explicado. É uma problemática complexa que, infelizmente, “tornou-se um novo e grande mercado controlado por máfias do mundo inteiro, produzindo o terceiro volume de dinheiro, perdendo apenas para o tráfico de drogas e de armas”³. É uma realidade que diz respeito a todos os grupos que constituem uma sociedade e precisa despertar a atenção destes como um todo.

² Mantenedora, aliciadora e dona da boate ou “bar” de prostituição.

³ Revista Sem Fronteiras, p.28.

A prostituição não é um problema relacionado unicamente ao homem ou à mulher, mas, sim, é uma questão que abarca ingredientes sócio-econômicos e estruturais. É fortalecida por um modelo neoliberal gerador de miséria, exclusão e marginalização e a cada momento produz crescentemente injustiça, dependência, miséria, relativiza valores que são fundamentais, como respeito e defesa da vida para todas/os, gerando, assustadoramente, o aumento do desemprego, ou subemprego, e marcando uma sociedade com os traços da corrupção e destruição. Neste cenário duramente apresentado, a prostituição, dominada por fatores econômicos, somados a desestrutura familiar e a negação de oportunidades, mostra-se como uma alternativa para milhões de jovens, adolescentes e mulheres que passam a usar seus corpos como instrumento de trabalho, através da exploração sexual. Esta passa a ser a forma de “ganhar a vida” para não morrer de fome.

No Brasil, é terrível o contraste existente entre a questão econômica e a questão social. A economia traz sucessivamente indicadores de crescimento contínuo, onde poucos são contemplados nestes avanços. Em nossa realidade um quarto das famílias se situam na estreita pobreza, pois as suas necessidades básicas ficam longe de serem atendidas.

Assim sendo, podemos afirmar que o fator econômico é o determinante social que provoca o ingresso de mulheres na prostituição, seguido por abusos sexuais por parte de pessoas mais próximas, como pais, tios e padrastos, associados pela dificuldade de integração no mercado de trabalho.

É comum entre as mulheres ao iniciarem na prostituição a certeza de que sua permanência nesta atividade será transitória, e que, assim que tiverem um outro trabalho, sairão desta realidade em que se encontram, podendo retomar seus estudos ou iniciá-los, em muitos casos. Por parte principalmente das mulheres mais jovens, a prostituição, em um primeiro momento, é considerada uma estratégia de curta duração, até que por outros meios possam se alimentar e cuidar de seus filhos.

A baixa escolaridade - a ausência da mesma somada às dificuldades financeiras ou à pobreza absoluta - integra os obstáculos, quase intransponíveis, para a integração destes corpos em situação de prostituição no mercado oficial. A estas situações ainda se somam às questões da violência nos locais de “trabalho”, por parte dos clientes, cafetinas ou policiais, e a fragilidade de saúde causada principalmente pelas DST, incluindo aí a AIDS.

A AIDS nem aparece tanto por falta de informação jogada pela mídia, mas devido à falta de um acompanhamento mais sistemático sobre o tema. Não aprofundaremos este assunto por não ser nosso objetivo neste trabalho, mas esta temática faz parte da prostituição e pode nos

ajudar com dados mais precisos para discutirmos de forma mais ampla o tema proposto nesta monografia.

Podemos observar por estes dados apresentados que não é só o fator sócio-econômico que leva uma mulher à prostituição, mas atrelados a ele estão os fatores de ordem familiar: ausência da figura paterna, a educação opressora e machista, o abandono físico e psicológico. Sem deixarmos de ressaltar ainda duas causas centrais: à chamada causa pessoal, ou seja, o desenvolvimento intelectual, e a pornografia criada e fortalecida pelos meios de comunicação social, que, através do uso, abuso e exposição, violam a dignidade da mulher e fazem do seu corpo mera mercadoria de prazer. O próprio sexo hoje é puramente utilizado como mercadoria, apresentado no comércio de excitação.

É simplesmente impossível não percebermos o quão complexa é a discussão sobre a prostituição no Brasil, mais especificamente na Bahia, o que prova que “estas mulheres de vida fácil” são muito mais vítimas do que possamos imaginar de todo o contexto socioeconômico no qual estamos envolvidos.

1.2. DANDO-SE A CONHECER

O corpo, ao longo da história, vem assumindo concepções, conceitos e lugares diferenciados na relação cotidiana. A palavra corpo, do latim *corpus, corporis*, é a substância física, ou a estrutura de cada homem ou animal, constituída pelo tórax e pelo abdômen; a parte material, animal, ou a carne do ser humano, por oposição à alma, ao espírito. Entretanto essa oposição nasce do dualismo platônico e bem conhecemos as conseqüências desta dissociação no mundo atual que cria o culto ao corpo como fim último ou uma exaltação do espírito como uma transcendência tida muito acima do humano excluindo sua essência. O corpo é a totalidade da pessoa humana.

Ele não é uma construção somente biológica, mas, ao mesmo tempo, cultural e ideológica. O corpo se expressa em ambientes diferentes e com diferentes exigências sociais, encontrando-se na esfera do privado e do público. Segundo Peter Burke, na verdade, o corpo é um importante instrumento através das quais as reações falam e traduzem o que, na maioria das vezes, as palavras não conseguem expressar.

Grandes frases, profundos gestos de gratidão e de acolhida nascem das expressões corporais, que falam por si só e trazem o “poder” de criar e recriar um profundo diálogo, ou fechar-se a

ele, de acolher o diferente ou simplesmente rejeitá-lo. Para Peter Burk, a busca é o processo de se desmistificar e romper o privilégio da mente sobre o mesmo, ou seja, do regulador sobre o regulado. Em outras palavras, “... devemos enxergar o corpo como ele tem sido vivenciado e expresso no interior de sistemas particulares, tanto privados quanto públicos, por eles mesmos alterados através dos tempos”⁴.

Burke entende que podemos nos confrontar com a necessidade de uma compreensão básica do local destinado ao corpo (lugar de subordinação) no sistema de valor religioso, moral, e social, pois o dualismo platônico que separa matéria e espírito também mitifica uma separação e uma superioridade da mente. “O dualismo corpo/alma taxou o corpo de fraquezas da carne e das piores desgraças, e a alma recebeu todos os privilégios e favores da graça”⁵.

Sabemos que nenhum sistema de subordinação hierárquica é positivo, pois fortalece uma dicotomia do que deveria ser visto e respeitado pela unicidade. E o que é ainda mais grave, a parte tida como subordinada – o corpo – é sistematicamente degradada. No cristianismo, ainda é bastante visível uma má interpretação da linguagem do corpo, expressa nos desejos e nas suas necessidades, os quais são radicalmente vistos e taxados como pecaminosos. O relato da criação traz, primeiramente, a imagem de um Deus que cria e vê tudo como muito bom; logo depois, devido à “perversão da liberdade, o mesmo Deus dá a ambos uma sentença (“castigo”): para o homem, o sofrimento recai sobre trabalho, que se referem a funções “externas” a ele mesmo; todavia, a sentença dada a mulher se volta para a sua corporeidade, ou seja, ao “exercício” da função materna.

As diferenças existentes sobre o corpo do homem e da mulher são, na verdade, o seu complemento; entretanto, percebemos estas diferenças tomadas não como especificidade, mas como desigualdade. As palavras de Keinman traduzem esta possibilidade:

“... o corpo não pode ser tratado simplesmente como biológico, mas deve ser encarado como mediado por sistemas de sinais culturais. A distribuição da função e da responsabilidade entre o corpo e a mente, o corpo e a alma, difere extremamente segundo o século, a classe, as circunstâncias e a cultura, e as sociedades, com freqüência, possuem uma pluralidade de significados concorrentes”⁶.

O corpo é uma realidade simbólica e, como tal, expressa experiências humanas que as palavras não conseguem explicar. É linguagem, relação, metáfora, sinal. É um espaço

⁴ Peter Burke. A Escrita da História, p. 349.

⁵ Ana Roy. Tu me destes um corpo, p. 93.

⁶ Peter Burke, A Escrita da História, p. 295.

habitável, um espaço interior e exterior de vida. Experiência de valores e limites, de finitude e infinitude.

A realidade corpórea é muito mais ampla do que o pobre reducionismo a ele aplicado, e podemos situá-lo desde seu significado específico como:

“... condensador e epicentro da existência essencial. Catalisador de substâncias, produtor de energias, suporte e resultado da vida humana e, sobretudo, movimento, produção e transformação das energias que constituíram a vida e, como decorrência, a sociedade humana social, num jogo de relações entre si e em interação com o meio ambiente... Os corpos definem uma interação social, traduzida e contextualizada em práticas de socialidades responsáveis, pela aproximação e entrelaçamento dos sujeitos sociais”⁷.

O esforço deste século é levar-nos a redescobrir ou resgatar o cerne da identidade humana e as relações cotidianas que acontecem mediante o contato humano. Uma retomada que deverá ser não em forma de culto ou idolatria, mas de encontro do ser humano consigo mesmo.

É inegável que o corpo é uma forma de linguagem aberta ou simbólica, que leva a pensar ou a ler o que se deseja transmitir. Depois de tanto tempo esquecido e reprimido, ele volta ao diálogo, e nunca como hoje se falou tanto sobre tomar consciência dessa totalidade, e desta forma libertá-lo e conhecer a sua linguagem.

Muitos outros conceitos negativos em relação ao corpo da mulher foram difundidos por alguns pensadores no decorrer da História, como, por exemplo, Aristóteles e seus seguidores. Segundo eles,

“As mulheres eram machos defeituosos, ou monstrosos, seres nos quais a genitália (designada para ser do lado exterior do corpo), por falta de calor ou de força, falhou na instrução. Com sua natureza mais fria e mais fraca, e sua genitália contida internamente, as mulheres eram essencialmente equipadas para a criação de filhos, não para uma vida racional e ativa dentro do fórum cívico. As mulheres eram criaturas privadas, os homens eram públicos” (J. Morsink, *Aristotle um the Generation of Animals*, Washington, 1982).

Até mesmo a ciência reforçou essa visão invertida de valores ligados ao corpo feminino:

“... ao contrário do dogma médico clássico, não era necessário qualquer estímulo sexual para as mulheres conceberem: elas tinham apenas de servir como receptáculo de sêmen. Havia nascido passiva e dessexualizada, mulher “vitoriana””. (Thomas Laqueur, “Orgasm, generation and the Politics of. Reproductive Biology”).

⁷ Revista Mulher Negra, artigo de Júlio César de Souza Tavares; Corporeidade Étnica e Social, p. 133.

A totalidade da pessoa humana de forma fragmentada não pode ser vista como algo separado, sem uma ligação que lhe dê unidade, mas, sim, uma unidade composta do eu ligado à razão e ao pensamento. Esta grande dicotomia no pensamento europeu não poderia manter-se e penetrar em todos os âmbitos da cultura ocidental desde o século XVII se não fosse o dualismo cartesiano que defendeu duas concepções opostas e incompletas do ser humano: o materialismo e o idealismo. Em ambas as concepções, o estudo do corpo é marginalizado, o indivíduo-pessoa é profundamente desvalorizado e ignorado.

Todavia, esta realidade, ao invés de ser respeitada, passou a ser cultuada e extorquida em busca da forma perfeita. Diferentemente do que defendeu durante um longo período, a Ciência nos últimos anos propôs a rever o conceito sobre o corpo, baseada no pensamento de que o corpo feminino, em especial, não é determinado fatalmente para receber, mas está condicionado potencialmente para receber. Não é uma simples constatação biológica; acima de tudo, o corpo é construção, um jeito ou “maneira” de estar, que se manifesta de forma sensível e numa dimensão “externa” da pessoa.

Essa totalidade da mulher vai muito além do biológico, embora também saibamos que é importante o ato de acolher, gerar, gestar e deixar uma vida vir ao mundo. A ênfase que podemos acrescentar a esta discussão é de que o desejo maior é para que a sociedade seja também um “corpo” portador e gerador de vida para os que nela vivem/habitam. Todo grupo social deve ser lugar onde o ser humano possa experimentar todos os direitos que sua dignidade merece. Por isso, é necessário que ela conceda tempo de crescimento e amadurecimento, capaz de conduzir os corpos de mulheres e homens à liberdade e a uma verdadeira igualdade e respeito recíproco.

Até pouco tempo, esta história vinha sendo em geral negligenciada, influenciada por duas fortes visões: a primeira, pelos componentes clássicos, e a segunda, pela visão judaico-cristã. Ambas, tendo uma concepção fundamentalmente dualista do homem e da mulher, entendidas como uma aliança muitas vezes ansiosa da mente e da matéria, da psique e do soma, e construindo seus caminhos diferentes e por razões diferentes, elevaram a mente ou a alma e reduziram o que é palpável⁸. Abramos as cortinas e tentemos sucintamente resgatar a história do corpo ao longo do tempo.

⁸ Peter Burke. A Escrita da História, p. 292.

1.3. ABRINDO AS CORTINAS

Desde a infância, o ser humano foi e é treinado simplesmente para produzir e reproduzir; ou seja, produzir na esfera pública e reproduzir na esfera privada. A industrialização induz a um atrelamento cada vez maior do ser humano à técnica e à tecnologia. A ciência determina: o corpo precisa ter saúde para melhor produzir e adaptar-se aos padrões de beleza para melhor consumir.

A sexualidade está no meio dessa tragédia. Objeto sexual dos homens, as mulheres sempre estiveram presentes na história como heroínas e, na maioria das vezes, como prostitutas, mesmo sem sê-lo. Sempre que rompiam certos primados moralistas, elas colocavam em xeque o poder masculino.

No século XVI, o ser humano passa a ser e a ter um corpo. Esta possibilidade de um novo ser humano está ligada à inversão do que esta pessoa reconhece de si. Este período, marcado por uma grande racionalização do mundo moderno, traz uma mudança de visão estabelecida até então por postulados religiosos, definidos pela Igreja numa ética aniquiladora da matéria em nome da salvação da alma. A nova ética leva o corpo a existir independentemente do macrocosmo, individualizando-o e rompendo-o com as relações que contrariam o biológico, seja em nível da comunidade, ou de forma mais abrangente.

Desde o início da modernidade até o século XVII, na Europa da Baixa Idade Média, vemos uma nova percepção do corpo, que passou a ser punido, controlado, vigiado, enfim “proibido”. O corpo tornou-se culpado, perverso, necessitando ser dominado/purificado através da punição e de “técnicas coercitivas”, como os castigos e execuções públicas, as condenações pelo tribunal do “Santo Ofício (a Santa Inquisição)”⁹. Este sistema tratava-se de controlar o corpo a ponto de puni-lo até o estágio do homicídio.

O corpo ganha uma nova abordagem. Sendo que o centro já não é mais a zona rural, mas a vida urbana, onde eram realizadas as formas mais libertárias de relações carnavais, patrocinadas pela burguesia reinante, que forja valores, concepções modernas de vida e comportamentos. Este novo perfil influenciou as maneiras de simbolização representativa a maneira de pôr-se à

⁹ Inquisição ou Santo Ofício (1231 – 1820). A Inquisição foi uma instituição medieval, oficializada pelo papa Gregório IX (1227-1241, que persistiu durante a Idade Moderna. Inicialmente, ela tinha o intuito de salvar a alma dos hereges. Mais tarde, entretanto, passou a empregar a tortura e a fogueira como formas de punição, com autorização do papa Inocêncio IV, em 1254.

mesa, de caminhar, de vestir, de gesticular, de se relacionar; enfim, nada se parecia com o período medieval.

Uma das teses centrais do *Malleus Maleficarum* diz que pela sexualidade, o demônio se apropria primeiro da carne e depois da alma do homem. E como as mulheres estão essencialmente ligadas à sexualidade, e totalmente voltadas para a convivência com o demônio, elas se tornam agentes do demônio (feiticeiras).

Na final do século XVIII, estabeleceu-se, de um lado, o abrandamento dos suplícios e, do outro, uma nova forma de exercer o poder sobre o corpo. A religião católica e, mais tarde, o protestantismo contribuíram para a centralização do poder. Podemos afirmar que as mudanças radicais que aconteceram na leitura sobre o corpo, mais especificamente o feminino, têm a ver com o sistema capitalista que começava a se formar. Para ele, era essencial que o corpo e a sexualidade fossem controlados: estava se formando o corpo dócil do futuro operário que não se rebelaria.

O discurso sexual do séc. XIX, ao contrário, presta uma extraordinária atenção às desordens, à anormalidade e aos desvios sexuais. Acima de tudo, elaborou uma psicologia de perversões sexuais, vinculando essas a práticas não aceitas socialmente, como a masturbação e a histeria. O sexo foi visto, portanto, à luz da psiquiatria, no “espaço” de uma nova construção teórica – a “sexualidade”¹⁰. O corpo precisa ser disciplinado. E, quando não se submete à disciplina deve servir de “exemplo” para os demais.

No Brasil, apenas no final do séc. XIX percebe-se uma “modificação da sensibilidade” que já marcava a Europa. A conduta, os costumes, o vestuário, o porte, a educação e o refinamento deveriam “elevar o ser humano acima dos animais”. O saber e o poder estão unidos. No decorrer desse período, há uma valorização do sujeito pensante, do aspecto mental e, portanto, a razão deve controlá-lo.

A diferença da anatomia sexual, do sexo biológico, passa a ser citada para apoiar ou rejeitar reivindicações nos mais variados contextos. O corpo tornou-se um ponto decisivo. Ou seja, na medida em que havia uma necessidade de que a distinção “bissexuada” entre feminino/masculino fosse constituída, o corpo tinha a “voz” dessa distinção: antes não havia termos específicos como “ovário”, “vagina”. O debate sobre a sexualidade não foi silenciado, mas passa a ser um importante tema em torno do qual se dispuseram inúmeros dispositivos institucionais e estratégias discursivas.

¹⁰ Peter Burke. *A Escrita da História*, p. 318-319.

Hoje em alguns regimes políticos, a mulher é objeto sexual e reprimido, inclusive com chicote, com obrigação de cobrir o que é visível. Porém, as mudanças foram de um extremo a outro: se antes foi tão coberto, escondido e reprimido, hoje o percebemos cada vez mais exposto à nudez constante na televisão, teatro, cinema e revistas, quando não em público comum. No decorrer da história, foram utilizados dados negativos em relação ao corpo da mulher, somente vendo nele a função receptiva e passiva.

Na verdade, a sexualidade, como fenômeno humano, é entendida dentro de uma cultura com condicionamentos sociais e antropológicos referentes a cada época. Devido a sua incessante luta e busca como nunca na história, nos tempos atuais a mulher alcançou o desenvolvimento do seu 'ser pessoa'. Por outro lado, infelizmente, as marcas não apagadas que predominaram por séculos o corpo e a sexualidade da mulher fizeram com que esta busca também ultrapassasse ou fosse ultrapassada em seu "valor" mais íntimo.

As mulheres foram reduzidas a objeto sexual, com forte presença, de forma desumana, nos meios de comunicação social. Podemos nos perguntar, então, e o corpo da mulher negra, onde se encaixa e qual o seu significado em todo este panorama?

1.4. ESQUECIDO UNIVERSO DE BELEZA

Falar do corpo das mulheres afro-descendentes no Brasil implica, segundo Isildinha Nogueira, pensá-lo enquanto signo, como um ente que reproduz uma estrutura social de forma a dar-lhe um sentido particular, que certamente irá variar de acordo com os mais diferentes sistemas sociais. É, de fato, um universo de beleza, porém constantemente explorado e reduzido ao uso e ao puro prazer que vigora em uma sociedade machista e desigual.

Não temos um corpo, mas, sim, somos um corpo, não simplesmente produtivo ou reprodutivo, mas histórico e político. A sociedade privilegia um dado número de características morais, intelectuais ou físicas que devem ter a pessoa humana. Esses atributos são, basicamente, os mesmos para todas as pessoas, embora possam ter diferentes nuances para determinados grupos, classes ou categorias que fazem parte da sociedade.

Seu corpo, historicamente destituído de sua condição humana, coisificado, alimentava toda sorte de perversidade sexual praticada pelos senhores brancos. Nesta condição, eram corpos desejados, pois satisfaziam o apetite sexual de homens poderosos e eram por eles repudiados, pois eles as viam como criaturas repulsivas e descontroladas sexualmente.

A sexualidade negra tem sido o alvo principal da cultura branca, sendo atacada como meio de desumanização de mulheres e homens negros. As construções sexuais predominantes acerca das mulheres negras retratam os homens brancos como seduzidos, tentados, dominados e subjugados pelos corpos negros.

Quando a cultura branca vê a sexualidade negra como imprópria, está sendo dito que ela é inferior. Colocar em evidência a sexualidade de um povo, ou de uma raça, significa questionar sua humanidade, pois ela envolve, de fato, a imagem da pessoa ou do grupo exposto.

Mary Del Priore sustenta a tese de que o corpo feminino se transforma, no Brasil Colônia, em objeto de desejo e de disciplinamento da alta hierarquia social, política, econômica, jurídica, médica e religiosa. A história da condição feminina nesta época passa pela história de sua corporeidade, controlada, negada ou liberta, porém sistematicamente vigiada pelos homens.

No processo escravista, a/o negra/o não era *persona*; isto é, não contempla a vivência da liberdade e da cidadania. Nas fazendas, nas plantações ou nas minas, as mulheres negras estavam para além do trabalho braçal, deviam satisfazer os desejos sexuais dos senhores e dos escravos. Disso decorreu a crença atual da sexualidade aflorada da mulher negra.

A instituição da escravidão legitima a idéia de que elas eram seres que pela sua “carência de humanização” as colocavam mais próximas dos animais e coisas, mulheres que se constituíam objetos de posse dos “indivíduos humanos”. Todo o processo de desumanização tornou-se um impedimento para a constituição da individuação, na medida em que não ofereceu possibilidades de identificação com outras pessoas nas relações sociais. A única esfera de identificação possível seria com as/os outras/os negras/os, identificados entre si pela exterioridade social.

Seu corpo negro, socialmente imaginado como elemento a mais neste sistema, associado a tudo que extravasa, significa para a mulher negra a marca que, a priori, a exclui dos atributos morais e intelectuais associados ao homem e à mulher branca: a mulher negra vive cotidianamente a experiência de que sua aparência põe em risco sua mensagem de integridade.

O corpo da mulher é portador não só de uma memória ancestral, mas também de uma linguagem gestual, como veículo de consciência étnico-racial. Seu corpo é uma importante ferramenta política de libertação.

A mulher afro-brasileira busca no gesto, na gíngua, na malemolência do andar (braços e pernas soltos), a manutenção de sua corporeidade, cuja leitura aponta para uma maneira sensual de andar, sem jamais, no entanto, esquecer do seu papel político no mundo.

A corporeidade não é apenas uma incitação para mostrar o seu desempenho, seja no samba, na capoeira ou na dança. Não se pode esquecer jamais que o corpo da mulher brasileira, mais especificamente, da mulher afro-brasileira tem, acima de tudo, sua raiz própria e bem marcada, presente na sua identidade, na ancestralidade e na sua história. Este corpo nos dá confiança e consciência do que somos e do que podemos vir a ser, em busca da liberdade. Através destes elementos, é possível construir uma ética libertadora.

Atualmente, a maioria destes corpos continua sendo explorada como mão-de-obra barata e constantemente estereotipada, ainda que os movimentos de consciência negra reivindiquem a beleza desses corpos negros (i) maculados¹¹. Embora a mulher negra esteja inserida em um contexto que garanta outras condições de vida, não é fácil para ela livrar-se desse lugar, principalmente no que se refere à sexualidade. Mesmo que aparentemente mais inserida na cultura brasileira, a mulher negra se vê aprisionada em alguns estereótipos: a sambista, a mulata, a doméstica, herança de um passado histórico.

A noção de corpo que a mulher afro-brasileira do século XX herdou foi construída a partir de concepções binárias de separação da vida e em esfera dualista e contraposta. Nesta visão, o corpo é secundário, e o que importa é salvar a alma. Esta premissa está longe de entender que o que é vivido no corpo não é está separado de nossa subjetividade, das experiências cotidianas mais comuns.

Para enfatizarmos esta forte conexão de totalidade, nos voltaremos para os corpos mais marcados e mais esquecidos. Marcados pela dor, pela prostituição e pelo fato de serem mulheres, pobres, afro-descendentes em situação de prostituição.

1.5. CORPOS EM DOR E NA DOR

A ordem capitalista que mudou toda a economia foi muito mais que uma fase transitória do processo histórico. Com a instalação do sistema capitalista, o ser humano só passa a ser pessoa na medida em que é personificado em categorias econômicas, tornando-se suporte de determinados interesses das classes e reconfigurando a rede de relações sociais.

¹¹ Ibid., p. 70-71.

No final do século XVIII, dois marcantes acontecimentos reviraram a história: as revoluções Industrial e Francesa. Trabalhando nas fábricas, após vencer os transtornos provocados pela saída do campo em direção à cidade, as mulheres recebiam menos que os homens e eram as mais pobres entre os pobres, desprivilegiadas até mesmo entre aqueles que não tinham nada¹².

O corpo torna-se mercadoria a partir das profundas transformações pelas quais passa a sociedade a partir do processo de industrialização e busca desenfreada pelo capital, que, com sua lógica e fetiche¹³, faz do corpo um mecanismo de produção automático, pronto a consumir a qualquer preço, cheio de deficiências, necessidades e lacunas não preenchidas.

Fabiana Siqueira, em análise do assunto, afirma que:

“... o corpo é reificado e despojado, portanto, de sentido e de sentimento e, como coisa não possui em si valor algum além daquele que sobre se lhe foi atribuído, tal qual uma mercadoria..., no mundo contemporâneo, do modo de produção neoliberal, o corpo está sujeito às leis do mercado, da concorrência, da propriedade e da oferta e da procura...”¹⁴.

A “coisificação” é uma característica da pós-modernidade. Ela não representa uma atitude natural para o corpo, pois esta condição é imposta pela nova ordem cultural-econômica. Na verdade, o corpo utilizado no mercado formal e no mercado da prostituição não revela mudanças na forma de ver e se relacionar com ele, mas, acima de tudo, é uma imposição, uma necessidade de sobrevivência.

Segundo Watson, devemos enxergar o corpo como ele tem sido vivenciado e expresso no interior de sistemas culturais particulares, tanto privados quanto públicos, por eles mesmos alterados através do tempo¹⁵. Desta sorte, o corpo tornou-se produto comercializável e fonte de renda, altamente explorável enquanto imagem lucrativa, principalmente através da prostituição.

Como a maioria das transformações da sociedade, a mudança no comportamento da mulher e na maneira de se ver o corpo ocorreu, na verdade, por um fator externo, tornando-se um fenômeno social. Esta mudança está inserida no contexto da pós-modernidade, que traz à tona o clímax do capitalismo e da globalização. Na sociedade de consumo, o corpo é também mercadoria, mas percebe-se acentuado redirecionamento de valores morais.

¹² Nickis Roberts. *As Prostitutas na História*, p.225.

¹³ Fetiche é uma inversão de valores pelo sistema capitalista, quando as coisas e o lucro passam a assumir o lugar das pessoas, e as pessoas são tidas como tal a partir do consumo material.

¹⁴ Fabiana Siqueira em sua produção em um artigo intitulado, *Sexo, mulher e mídia na pós-modernidade*.

¹⁵ W.I. Watson, *Why Isn't the Mind Body Problem Ancient?* p. 92-102.

Diante de tais constatações, é possível afirmar que o corpo humano nunca foi um objeto natural não problemático, com necessidades e desejos universais, sempre afetado de maneira variada pela cultura e pela sociedade (em uma época reprimido, e em outra “liberado”)¹⁶.

Os meios de comunicação social, de certa maneira, se esforçaram e conseguiram reverter esta imagem. Cresce, assustadoramente, o número de institutos de beleza, de moda. Com eles, o corpo passou a ser cultuado e considerado causa da alegria ou tristeza humana. Jovens e adolescentes submetem-se a plásticas, lipoaspiração e a vários tratamentos de beleza para se enquadrar no padrão imposto como ideal. E quantas não são as pessoas que morrem, ou que têm complicações sérias de saúde, com seqüelas irreversíveis, tudo pelo desejo de serem aceitas, vistas e valorizadas pelos membros da sociedade ou de seu círculo de amizade?

“O corpo é biológico, tem funções que são recebidas desde o nascimento. O corpo que pare, que amamenta, que tem vagina, seios; ou corpo que tem pênis, que ejacula, que reproduz sêmen; sem embargo, também o corpo é produto histórico, construído e definido socialmente. A função e a compreensão do corpo trazem uma visão, uma construção e uma definição cultural, biológica e social do corpo humano”¹⁷.

Lembrar, resgatar e falar dos corpos das mulheres em situação de prostituição não é uma tarefa simples, mas extremamente necessária, como nos diz Martha Bispo: “Recuperar na interdependência a dignidade dos corpos sofridos, esquecidos – dependentes... é preciso sentir os desejos dos corpos: da mulher e do homem-terra-pobre, que em suas individualidades contribuem para enriquecer a vida...”¹⁸.

Na realidade das mulheres prostituídas, o corpo é o instrumento de trabalho, “o seu ganhapão” diário, no espaço público. O corpo, ou “parte dele”¹⁹ (já que ele não é visto na sua totalidade) é “fragmentado”, pois está subordinado à preferência e à fantasia dos clientes. Se o todo não importa, é possível compreender o fato de que no contato físico, estas mulheres não aceitam beijo na boca e há quase ausência de carícias.

Os corpos destas mulheres normalmente são descuidados, visivelmente marcados, a arcada dentária total ou parcialmente incompleta, isso quando elas expõem, através de sua fala ou riso, os “cacos” de dentes que lhes restaram.

¹⁶ Peter Burke, *A Escrita da História*. São Paulo, p. 295.

¹⁷ Revista *A Palavra na Vida: Hermenêutica Feminista e Gênero*. Teo Frigério, *Corpo... Corpo... Corpo...* Hermenêutica, p. 12.

¹⁸ Martha Isabel F. Bispo, *Hermenêutica de Gênero*, p.22.

¹⁹ O professor e sociólogo Gey Espinheira, em uma de suas palestras sobre a prostituição no Centro Histórico de Salvador, onde atuou como pesquisador e sociólogo na antiga zona chamada de Maciel, chama atenção para o fato de que o cliente paga pela parte do corpo que lhe convém, ou seja, que responda as suas fantasias, como, por exemplo, o sexo oral ou anal, somente.

Os homens que buscam o trabalho sexual destas mulheres também, em sua maioria, são pobres, salvo alguns “gringos”²⁰. Estes estrangeiros buscam as mais “novinhas” e “arrumadinhas”, e às vezes até se tornam clientes fixos enquanto permanecem no Brasil. Já os homens daqui são jovens ou idosos, que têm trabalho fixo, outros são autônomos, ou vivem de bicos esporádicos, os demais são aposentados. Homens que também, em sua maioria, estão esquecidos e marcados por suas histórias de vida, pelo alcoolismo, consumo de drogas ou problemas psiquiátricos muito sérios.

As doenças venéreas é um problema permanente, principalmente nas mulheres jovens que se prostituem para comprar drogas, estas quando drogadas aceitam fazer programas sem o uso do preservativo. Meninas que somente buscam ajuda médica quando se vêem totalmente impossibilitadas de atender clientes, e mesmo assim nem sempre seguem o tratamento até o fim. Não fazem exames ginecológicos preventivos, o que as difere bastante das mulheres mais velhas, que, neste aspecto, se cuidam bem mais.

Muitas destas mulheres em situação de prostituição são portadoras do vírus HIV, ou desconfiam que estejam contaminadas, embora algumas delas não tenham a coragem de se submeterem ao exame clínico. Existem as que vivem como se não fossem soro positivo, e a maioria não faz uso da medicação necessária por motivos distintos, como: está morando na rua, por medo de que suas companheiras de trabalho fiquem sabendo de seu problema, ou por medo dos efeitos colaterais dos medicamentos, enquanto que outras não se medicam por fazerem uso constante de drogas e/ou de entorpecentes.

Corpos marcados pela lembrança de paixões e aventuras nem sempre presentes, mas eternizadas, tatuadas como tinta em tela, que os anos podem desbotar, a traça perfurar, a umidade até manchar, mas na mente de quem a idealizou será sempre a marca que nunca se apagará.

As prostitutas geram pequenos seres desejados, ou não. Frutos do acaso de algum caso, aventura, programa, estupro, ou “simplesmente” descuido. Crianças às vezes assumidas, outras rejeitadas, outras ainda, freqüentemente, abortadas.

O cotidiano destas mulheres no ambiente privado não é muito diferente. Os companheiros (quando tem), conhecidos como “gigolôs”²¹, ou companheiros com o qual tem filho/as sabem

²⁰ “Gringo” é nome da qual são chamados os homens ou mulheres estrangeiros que vêm ao Brasil, de férias, a serviço ou em busca do turismo sexual.

²¹ É o nome dado aos homens que sobrevivem do dinheiro que suas “companheiras” ganham na prostituição, sabendo de onde este dinheiro provém. São até violentos quando as mulheres não conseguem dinheiro para lhes dar.

que elas se prostituem, vivem desse dinheiro que elas ganham e utilizam a relação sexual com suas mulheres exatamente como o fazem os clientes da rua. Eles têm outras parceiras (às vezes no espaço privado de casa), mais muitas assumem estas relações mesmo conscientes de que são simplesmente “a outra” na vida deles. O que diferencia a relação sexual praticado por estas mulheres com os seus parceiros “fixos” é ausência de pagamento, o sentimento que elas têm por eles e nome destes sentimentos quase sempre não fazem uso do preservativo. A baixa auto-estima, a depressão e a pressão social levam estas pessoas a carregarem fardos ainda mais pesados. Poucas são as que não perderam o amor e o cuidado consigo mesmas.

Muitos destes corpos trazem em si histórias de momentos passados e que jamais serão apagados. Corpos marcados por golpes de faca, navalhas ou cacos de vidro. Mas as marcas invisíveis também às fazem sofrer, e que poucos se atentam em perceber. Seus agressores, muitas vezes, são os próprios companheiros, além dos clientes, das “companheiras” de batalha (melhor seria dizer rivais pela grande disputam que existe por estarem disputando os mesmos clientes, os mesmos espaços, enfim, as mesmas oportunidades), e os policiais (defensores da “boa conduta e da moral, das pessoas direitas da sociedade” , que pelo cargo que ocupam sentem-se superiores e demonstram sua autoridade e “poder” usando da força física ou da pressão psicológica, porque estão protegidos por uma falsa moral ou pela farda que trazem).

As mulheres que “batalham” na Praça da Sé e na Calçada estão ainda mais expostas e desprotegidas em relação as que freqüentam as boates. As que parecem estar mais protegidas pagam caro para estar onde estão, não só dividindo o dinheiro arrecadado com os/as donos/as dos locais, mas tendo que se submeter a certa escravidão para pagar o quarto e dar lucro aos proprietários/as dos estabelecimentos.

As que estão nas ruas, elas passam o dia sentadas nos bancos das praças, ou em pontos estratégicos: nos becos, ou nas escadas da entrada da estação de trem. Seus olhos fixos estão sempre em busca de clientes e quando são correspondidas se enchem de esperança em conseguir o dinheiro que necessitam para pagar dívidas, ou simplesmente comprar algo de comer para os/as filhos/as, roupas, material escolar, remédios, etc.

No fim da tarde, estes corpos, que nem mais se agüentam em pé, quando não conseguem dinheiro voltam caminhando para casa, com todo o peso das responsabilidades que assumiram. As mulheres, em sua maioria, são muito magras, não só por vaidade, para manter a beleza e se sentirem atraentes aos homens, mas também devido à dureza que enfrentam, pela fome, ou pelas drogas. E muitas delas ainda amamentam o/a filho/a que não viu durante o dia, mesmo já consumidas pela droga, algumas vezes oferecida gratuitamente, outras vezes são

adquiridas com o dinheiro da prostituição. Na verdade, as drogas são um anestésico que ajuda a driblar a solidão, o medo de estar diante de si mesmas, dando-lhes coragem para enfrentar os clientes que aparecem.

Mulheres na maioria afro-descendentes, envelhecidas pela idade, pela fome, pela dureza da vida, ou pelas drogas. Corpos que perderam o desejo de se olhar e mostram que já não suportam mais o encontro com tantos corpos, que, na verdade, não se encontram, mas sim são encontrados e esquecidos logo após o término do momento para o qual foram pagas.

Falar de corpos usados, marcados, machucados, nos impulsiona a olhar de frente esta realidade tão complexa chamada prostituição. Ao nos aproximarmos um pouco mais, somos quase que convocadas a sermos porta-vozes daquelas cujo grito por libertação foi e é a cada momento abafado.

1.7. PRIMEIRAS INDAGAÇÕES E POSSÍVEIS RESPOSTAS

Por prostituição, devemos entender a ação sexual como mercadoria em si mesma, cuja finalidade é obtenção de rendimentos. A mulher e o homem, como objetos de prazer, e cada qual a seu modo, vendem sua capacidade de uso corporal de proporcionar a outrem o prazer que necessita, que deseja que lhe seja proporcionado. Por ser a prostituição uma atividade econômica, ela requer competência no uso das capacidades sexuais, o que significa um aprendizado em conformidade com as demandas do mercado e para além delas.

A prostituição é uma dessas situações-limite em que as possibilidades de ação dos indivíduos são mais amplas que aquelas contempladas pelas regras institucionalizadas. Isto ocorre por diversas razões, sendo uma delas o descompasso entre a tradição e as demandas do presente; entre o isolamento e o contato do grupo; enfim, em decorrência de mudanças sociais sob a influência de fatores internos e externos.

Contatos comerciais, situações de colonização, escravidão, guerra, por exemplo, são fatores modificadores de comportamentos antes mesmo de atingirem os padrões institucionalizados, legitimados. As regras sociais são antes contrariadas e depois ajustadas às novas formas sociais. As mudanças são, quase sempre, subversivas. Quando a mudança torna-se banal e banalizadora no cotidiano da vida, isto é, quando o novo torna-se um produto requerido e com sentido e significado de novidade, os referenciais fixos perdem valor, perdem sentido. O

passado tem, enfim, o seu lugar parado no tempo, e o tempo atual é o que oferta o futuro e está mais próximo, e para o qual convergimos nossas utopias.

Não se trata mais de considerar as mulheres em situação de prostituição no estereótipo da mulher infelicitada no amor, da mulher vítima de um cruel destino, mas de um trabalho ao alcance de mulheres e de homens, com possibilidades de remuneração que em certas situações pode estar bem acima da média das profissões liberais legitimadas e “de futuro”.

A prestação serviços sexuais atinge sua maturidade precisamente através do trato empresarial, quando absorve mulheres e homens que possuem educação formal. Mas o estigma da prostituição fica, portanto, para a classe pobre. De um lado, as mulheres são putas e toda a sinonímia que se aproxima de uma centena; do outro, as escorts, acompanhantes, massagistas, modelos, como pode ser observado nos anúncios dos jornais Folha de S. Paulo e A Tarde, dentre outros.

A chegada e o crescimento da liberação sexual afastaram das prostitutas populares a clientela de classe média e, conseqüentemente, entrou em decadência. Acabaram-se os bregas, os puteiros, os mangues, permanecendo apenas as casas isoladas como pontos de referência. Mas não acabou o *travail* nas proximidades dos hotéis ou de casas noturnas, ou em ruas e avenidas estratégicas pelas quais circulam os veículos.

A prostituição tornou-se, mais que no passado, necessária. E ajustou-se aos novos padrões de negociação, deixando a clandestinidade para tornar-se atividade transparente. Essa foi a condição básica para a desmarginalização da prostituição, afastando-se da “proteção/repressão” policial e de outros agentes da rede da economia da prostituição. Essa liberdade individual, exercida nos padrões das profissões liberais, permitiu a inserção dos profissionais no mercado regulado por normas competitivas e dentro dos padrões vigentes de legitimidade: uma atividade integrada ao rol dos serviços prestados pela sociedade moderna. O nível universitário é componente básico de marketing da acompanhante ou da agência prestadora de serviços. Não se trata mais de bordel, ou de castelo, ou de “*rendez-vous*” ou, mais genericamente, do brega. Mas a prostituição proletária se mantém. E são, por serem proletárias, putas. E como tais, por acaso e por necessidade.

Espinheira, refletindo sobre a prostituição necessária, diz, parafraseando Demócrito, numa sentença tomada como epígrafe por Monod e de onde extraiu o título de seu famoso livro, que “a prostituição existe por acaso e por necessidade. Por acaso, porque pode acontecer a

qualquer pessoa prostituir-se; e por necessidade, porque outras alternativas de sobrevivência são mais difíceis que esta”²².

A venda do corpo é uma forma de dar ao sexo um valor de troca, de transformá-lo em mercadoria. É, por outro lado, uma capacidade do uso do corpo, pois este é o instrumento que executa a sexualidade. É uma necessidade imperiosa, que proporciona o maior de todos os prazeres.

Algo maior, certamente, sustenta estes corpos entregues à prostituição continuamente. Que força é esta? Esta força motriz é maior que dogmas, ortodoxia, divisões e moralismos. Procuremos trazer à discussão esta que é à base de nossa reflexão neste capítulo: a presença e a experiência do sagrado vividas por estes corpos em situação de prostituição. Enfim, o que se define com sagrado?

²² Gey Espinheira, professor e sociólogo, estudioso da realidade de prostituição na Bahia e escritor de livros com base em pesquisas feitas no Centro Histórico de Salvador.

CAPÍTULO II

SAGRADO: O MISTÉRIO REVELADO

“De onde vem essa força? De onde vem essa magia,
que nos anima e nos contagia...”

(Milton Nascimento)

2. A ESSÊNCIA DO SER

O termo *sagrado*, tal como conhecemos, no latim corresponde a *sacratu*: relativo a Deus, a uma origem divina; que recebeu a consagração; que cumpriu as cerimônias do sagrado; venerado, adorado, considerado como se fosse divindade relativa à religião ou ao culto²³.

Outro termo que designa melhor o que entendemos como sagrado nos dias atuais é *sacer*, que revela, no ato do sacrifício, o que transcende aos deuses e se acha assim carregado de uma impureza inapagável, augusta, terrível. Ele é digno de veneração e provoca horror. Já o termo como adjetivo qualifica aquele que traz uma impureza que o coloca à parte da sociedade e deve-se fugir do seu contato. Mas se alguém mata aquele que é *sacer* não é culpado de homicídio. Ou seja, esta pessoa assim qualificada nada tem de comum com o resto dos seres humanos.

Outro termo ainda em latim é *sanctus*, utilizado para identificar aquilo que é defendido e protegido do erro, mas é confirmado por uma certa sanção, como aquela que constitui a lei santa, pois tudo o que fica sob uma sanção é sagrado.

A força e a magia, muitas vezes presentes em nós e que nos impulsionam a lutar por conscientização, resistência e organização, vêm do sagrado e são perceptíveis em todos os lugares, independentemente da religião que professamos. Estamos nos referindo a esta realidade que transcende a nossa conceituação puramente racional, mas se manifesta e vive nos corpos.

Esta força motriz é maior que dogmas, ortodoxia, divisões e moralismos. Procuremos trazer, nesta monografia, à discussão a experiência do Sagrado vivida por estes corpos em situação de prostituição. Tentando compreender melhor a temática ao longo da história, podemos

²³ A. M. Silva, op. Cit. Vol. V, p. 71.

perceber que muitos historiadores que defendem a existência real e não mitológica da prostituta sagrada nos convidam a darmos conta de uma contradição: o que antes, em algumas culturas, era expressão de reverência e intimidade profunda com o sagrado, com a evolução da sociedade passa a ser vivenciado unicamente como profano, e quem a pratica é também assim julgado.

Embora a relação destas mulheres com o sagrado nem sempre seja compreendida e nem aceita por mentes institucionalizadas, a presença do transcendente é muito real na vida, na história e nos corpos destas mulheres, que, de alguma forma, deixam suas marcas na história não oficial, mas humana. É o sagrado que confere dignidade, e quando o consideremos neste contexto, estamos nos referindo às múltiplas expressões/visões do mesmo: pode ser Deus, Jesus, os orixás, etc. Quem aparentemente não expressa o sagrado no seu cotidiano no mundo da prostituição, admite uma força que as fazem ficar em pé.

Na Grécia antiga, diversos termos exprimiam as manifestações do transcendente e as atitudes rituais do ser humano ao entrar em contato com o divino. *Hieros* qualifica tudo o que tem a ver como o divino, um mito, um culto, um rito, mas também tudo o que passa como sendo superior ao ser humano e deriva de uma ordem acima. Este termo pode designar tudo que está fora do alcance da razão humana, aquilo em que si é irracional. Como adjetivo, o termo qualifica o que é consequência de uma ação ritual e se tornou sagrado.

O segundo termo encontrado é *hosios*, que expressa tudo o que está escrito por uma lei divina, mas também tudo o que nas relações humanas refere-se à justiça. E o terceiro termo é *hágios*, que apresenta quase o mesmo sentido de *sanctus*; ou seja, é o que está imune de qualquer violação.

Nas culturas antigas do noroeste da Europa, o sagrado está carregado de um aspecto egocêntrico e antropocêntrico. Todo vocabulário situa-se em estreita relação com o indivíduo. Sendo força viva depositada em cada pessoa humana, o sagrado é revestido sempre da idéia de destino que cada um/a deve assumir pessoalmente, porque ele é o lugar da mediação entre o humano e o divino.

Nossa reflexão poderá partir da constatação de que, assim como não podemos saber o que é um sonho a não ser pela revelação do sonhador, também não conhecemos o sagrado a não ser através do homem/mulher que se define”. Na verdade, a pessoa humana exprime o sagrado por mitos, conceitos, ações rituais e símbolos que traduzem o que ele/a sente, se ele/a acredita. A maneira de falar, agir, se aproximar e fazer algo pode expressar o sagrado em uma pessoa.

O sagrado está sujeito à história, constituindo-se não em uma entidade que se encarnaria, mas em um organismo que vive dentro da vida dos homens e mulheres que o delimitam, em função dos valores aos quais estão ligados e de sua concepção do divino. Não se trata de encarnação de um sagrado atemporal, mas de uma realização ao longo da história de toda a humanidade.

2.1. UMA DIMENSÃO ALÉM DE CONCEITOS

É impossível ousarmos falar em corpos em situação de prostituição sem considerar a força maior que as sustenta e as mantém em pé, mantendo viva a chama do desejo de libertação. Estes corpos são templos desse sagrado, santuário às vezes violado, violentado, esquecido, usado, mas continua sendo morada do Infinito. É ele quem escolhe onde quer habitar e não exclui ninguém deste processo, e nem se sente no dever de dar explicações convincentes às nossas reflexões racionais e carregadas de preconceitos. O que sustenta a vida e a caminhada destas mulheres é a certeza que elas trazem dentro de si: apesar de tudo, e, sobretudo, Deus é mais.

Muito diferente do que pensamos, aprendemos, ou ouvimos, movidas/os e até mesmo motivadas/os por um moralismo cruel, desumano e carregado de preconceitos, a relação que estas mulheres têm com o transcendente é não só profunda, como também o sustentáculo que as fazem acreditar e sonhar com uma opção de vida mais próxima do desejado por todas elas. Esta relação manifesta-se em práticas religiosas, ou através de uma experiência muito acima da já institucionalizada.

É muito comum mesmo em meio a tantas lutas e dificuldades, elas contarem, em detalhes, a experiência que têm com um Deus que se manifesta através de intermédios que as protege na batalha cotidiana. Este vínculo pode ser mediado pelos santos da Igreja Católica, ou os orixás do candomblé. Por que não também afirmar que esta mediação pode acontecer por meio dos diferentes intermédios, através de um sincretismo religioso? Em sua relação com o Supremo, o pedido mais comum, além de paz e saúde, é proteção na perigosa batalha que enfrentam no dia a dia.

Ouvir o relato das experiências feitas por muitas destas mulheres leva-nos a perceber uma diversidade e uma liberdade nas escolhas que fazem para vivenciarem o sagrado. O transcendente é normalmente o amigo que se encontra ao lado, com quem se fala, cala e

também se briga, questiona e deixa-se questionar, mas, sobretudo sabendo que mesmo duvidando de sua presença em alguns momentos, Ele está sempre lá, pronto a recomeçar ou ajudar-lhes a prosseguir na vida. Esta liberdade estabelecida é de uma profunda confiança e certeza do grande amor e proteção que recebem e, o mais importante, não se rompe diante de duras crises, desesperos, revolta e/ou desabafo.

Devemos ainda ressaltar que na relação à presença do sagrado é confirmada, através da mais pura religiosidade popular, nos símbolos e objetos que elas batizam, por trazerem proteção (crucifixos, figas, protetores, medalhas, etc.). Neste contexto, objetos, sentidos e manifestações religiosas se misturam, mas para elas, de alguma forma, o transcendente se encontra presente nestes sinais.

Os conflitos vividos por estas mulheres na relação com o sagrado, são imensos. Se por um lado tem uma crença muito grande no transcendente, por outro, as mulheres em situação de prostituição sentem-se indignas desse amor, devido ao reconhecimento de “pecado” e “sujeira” em que vivem.

Em vários momentos da vida, quando a realidade não funciona como o esperado, elas vêem os “acidentes de percurso” como um castigo ou punição pela vida que levam. É o que podemos constatar a partir de alguns depoimentos, como o de Vanuza²⁴, de 45 anos, que exerce a prostituição há mais de 20:

“No ano de 2003, passei um longo período sem conversar com Deus. Meu filho mais velho, de 27 anos, sofreu um acidente grave e quase morreu: está paraplégico, em uma cadeira de rodas, e ainda com feridas expostas devido à forte anemia que tem que dificulta a cicatrização. “Pô” cara, eu sei que a vida que levo é errada e que um dia vou ter que responder pelo que faço, mas Deus poderia ter arrumado outro jeito de me punir, não me condenando através do meu filho, que eu tanto amo. Não tem dor maior que ver quem você ama sofrendo, por uma culpa que não é dele, é minha, isso arreventa a gente. Quer fazer, que Ele faça comigo, que faço coisa errada. Mas agora já fiz as pazes, pois Ele é o “bicho”, cara, Ele é demais. Converso muito com Ele, brigo, falo até, mas sei que Ele está sempre comigo e não guarda rancor com estas coisas. Ele é tudo para mim”.

Outra mulher, de nome Dalva, também declarou:

“Sou iniciada no Candomblé, sou filha de meu pai Oxossi, que me protege. Sempre que chego em casa, depois de passar o dia na praça trabalhando, olho a roupa do santo no quartinho e os instrumentos dele, mas não coloco a mão porque o corpo está cheio de cachaça, tem quem ter respeito, senão... a coisa é séria”.

²⁴ Estes relatos partiram de conversas informais que a aluna Marilda teve com as mulheres em trabalho pastoral no Projeto Força Feminina. Os nomes aqui utilizados são fictícios, assim como todos os outros que foram apresentados neste capítulo, a fim de preservar a imagem e a identidade das mulheres em situação de prostituição que expressaram as suas experiências de relação com o sagrado.

Podemos ainda acrescentar este outro relato:

Todos os dias, antes de vir para a batalha, passo na Igreja e rezo um terço para Nossa Senhora me proteger durante todo dia, tenho muita fé. Rezo por mim e por meu filho que há um mês fez a Primeira Comunhão. Posso lhe pedir algo? (A mulher fez essa pergunta endereçando-se a mim, que estava fazendo visita no local) Me traga, por favor, outro terço, pois o meu quebrou outro dia. Nossa Senhora é a minha proteção, sabe. (Esta experiência foi feita por mim na conversa com Carmem, na Estação da Luz, grande ponto de prostituição, em São Paulo).

Como podemos observar, não é pouco o que experimentam estas mulheres no dia a dia interno. Estão sempre transitando por diferentes espaços e com diferentes manifestações do sagrado em busca de preenchimento do vazio que sentem, em busca de sustento e refúgio diante da dor e do trabalho que exercem e muitas delas sonha com a “libertação” da vida que levam. Em alguns destes espaços denominados sagrados sentem-se mais acolhidas e em outros apenas reforçam a negativa visão e impressão que trazem de si mesmas: de quem estão no pecado e são sem-vergonha, imorais.

Há uma identificação muito grande com personagens bíblicos que sofreram o que elas sofrem, fruto das histórias que lhes foram contadas. Também outras crenças trazem a possibilidade de liberdade sexual necessária para desempenharem as exigências da prostituição. Maria Madalena é uma destas personagens que elas dizem conhecer a história. Sendo uma “prostituta”, após serem expulsos os demônios que a escravizavam, ela foi perdoada por Deus, o que a estimulou a mudar de vida. Assim como Eva, ela deve sua existência à poderosa contracorrente de miscigenação no cristianismo, que as associa como mulheres perigosas e com a degradação da carne. Por esta razão, ela se tornou santa proeminente e querida. Maria Madalena permanece fortemente velada (e obscurecida) por crenças cristãs convencionais²⁵.

Eu adoro ler a Bíblia. Quando tenho tempo, leio trechinhos e gosto da vida de Maria Madalena, porque ela viveu o que eu também vivi. Um dia, fui apedrejada na rua e ninguém me socorreu, e ela também não foi apedrejada? Me lembrei muito dela naquele momento de tanta dor. Esse negócio de ir à Igreja eu não gosto não, um bando de homem pecador pior que eu botando banca. Quero que meu filho seja batizado porque ficar pagão não dá, vou arrumar madrinha e tudo, que vai ser a que ele quiser, pois já está jovem, mas no dia eu nem vou lá. (Experiência forte e dura vivida por Cátia, de 45 anos, após fazer um programa com um taxista).

Como podemos perceber, o sagrado está na linha da perfeição, e neste caso o imperfeito não é tão digno do sagrado quanto se pensa ser.

²⁵ Nancy Qualls – Corbett. A Prostituta Sagrada: a face eterna do feminino, p. 194.

Através de alguns orixás, as mulheres conseguem espelhar e dignificar a sensualidade, a sexualidade e a ousadia que necessitam para o trabalho diário. Os orixás mais identificados por elas são os femininos, que, de alguma forma, trazem algo que explica para elas o seu jeito de ser.

Iansã é está mais presente na mente destas mulheres por conta de um mito que se criou em torno da história dela. Segundo a narrativa popular, ela teve muitos homens, mas não era prostituta, e sim uma mulher muito livre. Sem paradeiro certo, estando cada momento em um lugar diferente, e o fazia apenas enrolando sua esteira e partindo. É ousada, não leva desaforo para casa, e independente, ou seja, “dona de seu nariz”.

A outra é Padilha, um Exu feminino, entidade da rua. Não tem firmeza com um único homem, e assume uma vida afetiva e sexual irregular. Não tem responsabilidade com um homem só: entrega-se àquele que se engraçar com ela. Enfim, é a mulher do prazer. O estereótipo destas divindades já explica o porquê das freqüentes identificações para com elas e da proximidade que elas estabelecem cultuando ou não estes Orixás.

2.2. FORÇA DIGNIFICADORA

É o sagrado que se aproxima dos corpos em situação de prostituição, e é tocado por eles. A força transformadora deste transcendente busca curar suas feridas, reconstruir a pessoa, dignificá-las e reintegrá-las. No centro do coração do sagrado o que prevalece é a vida, principalmente para aquelas mulheres que estão mais machucadas, esquecidas, excluídas, enfim, reduzidas a nada por uma sociedade moralista que se vê no direito de julgar e estabelecer qual o lugar que estes corpos devem ocupar na sociedade.

Na presença constante do transcendente, estes corpos em situação de prostituição sentem a acolhida, a compaixão, a gratuidade, a ternura, a misericórdia, a solidariedade, escuta, alegria e o verdadeiro amor.

Estes corpos tão marginalizados são corpos sagrados, e mesmo que estejam quebrados, são constantemente restaurados pela dignidade que este sagrado lhe oferece. Este transcendente não tem um rosto e um corpo únicos: ele apresenta-se na diversidade dos rostos de tantas mulheres, dança nestes corpos através da luta cotidiana e se manifesta nestes mesmos corpos em situação de prostituição criado e cuidado por ele.

A relação que estas mulheres tem com o sagrado ultrapassa as concepções humanas; é uma relação de quem, de fato, sabe ser este transcendente o mais profundo de si mesmas, que não

as abandona jamais. Encontra-se ao lado delas, confirmando sua identidade de pessoa criada e amada por ele, conferindo-lhes dignidade.

Ao falarmos de tantos corpos em situação de prostituição esquecidos, excluídos e usados; ao resgatarmos tantas histórias e fazermos memória da dura realidade que envolve a prostituição; ao tentarmos dar respostas imediatas enquanto a ferida social está longe de ser sanada, na verdade nos encontramos diante de mulheres guerreiras, lutadoras, que insistem em sobreviver, mesmo que a sociedade queira moralmente culpá-las pelos problemas familiares, e jamais traz para a discussão os homens que buscam essa satisfação.

Em muitos momentos, o silêncio e a aproximação tornam-se as únicas expressões mais sinceras e concretas de quem, mesmo não compreendendo toda esta situação, sente-se questionado por esta força vital reconstrutora de esperança e sonhadora da libertação para cada um desses corpos usados e manipulados na prostituição, que de fato só pode nascer do sagrado.

O transcendente se faz corpo, o transforma em instrumento de diálogo e ensina a cada um dos corpos em situação de prostituição que sua dignidade é assegurada por ele, e também que as entranhas fecundas de cada uma destas mulheres são e sempre serão entranhas profundas onde mesmo que esteja violado o sagrado faz a sua morada para restaurar.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este trabalho não se conclui aqui: a temática e as questões refletidas são um convite a aprofundamentos futuros a partir da contínua dinâmica da vida que constantemente cresce, amadurece, torna-se fruto e traz novas reflexões.

Nesta dissertação de bacharelado, fizemos uma retomada de dois, dentre outros, importantes pilares que sustentam a pessoa humana, e, mais especificamente, as mulheres em situação de prostituição: o corpo e o sagrado. Enfatizamos as relações que entre eles se estabelecem e visibilizamos que, através de sua força e de sua luz, este sagrado confere dignidade a estes corpos, que por vários motivos, principalmente o econômico, se encontram na prostituição.

Procuramos percorrer um caminho que nos ajudasse a perceber o lugar e o valor do corpo ao longo da história, destacando momentos em que este foi desrespeitado, manipulado, mercantilizado, menosprezado, usado simplesmente como objeto de prazer e marginalizado.

O desejo foi de fazer ecoar tantas vozes caladas e oprimidas no anonimato pela prostituição e mostrar que, mesmo em meio às dificuldades e à dor, as mulheres em situação de prostituição conseguem estabelecer uma relação tão profunda com o sagrado não para justificar a situação em que se encontram, mas para sonhar com um futuro diferente. E esta relação sempre foi ignorada pela história e negligenciada pela sociedade.

No primeiro capítulo, com o título “Dando-se a conhecer”, percorremos biograficamente conceitos clássicos de corpos descritos por diferentes autores, fazendo um caminho de construção até chegarmos aos corpos específicos das mulheres afro-descendentes em situação de prostituição que estão a nosso redor.

No segundo capítulo, com o título: “Sagrado, o Mistério Revelado”, fizemos o mesmo caminho anterior, partindo de conceitos clássicos, porém enfatizando a relação que os corpos em situação de prostituição estabelecem com o sagrado, que vai muito além do que determina o sistema religioso e a moral social vigente. Ao contrário do que pensa e manifesta a sociedade, estes corpos são templo do transcendente, mesmo que se encontrem quebrados, violados, machucados, pois é o sagrado que lhes confere dignidade.

Partimos do princípio de que sagrado é o que a experiência humana o reconhece como o sendo, e se sente transformado por ele que pode ter o nome de Deus, Olorúm, Javé, Tupã, Buda, Alá... Não é algo relativo, e sim profundamente constitutivo da pessoa humana.

Conclusão? Não temos, pois estes conceitos, pré-conceitos e reflexões abordados, na verdade, se fundamentam em histórias reais jamais contadas e nossas vozes se calam para que estes

outros gritos se façam ouvir. Gritos de anúncio e denúncia de realidades concretas ignoradas por nós e alimentadas por nosso sistema neoliberal excludente.

Esta dissertação é um convite aos teólogos/as para que agucem seus sentidos, tendo olhos e ouvidos críticos para aceitar o desafio de denunciar com suas vozes e posicionamentos toda realidade de coisificação e uso da pessoa humana para o seu bel-prazer.

Que nós mulheres afro-descendentes, ou não, possamos nos aproximar destes corpos iguais aos nossos, percebendo suas semelhanças e diferenças, seus sonhos e lutas e possamos lutar juntas para que todos estes corpos, mesmo em condição de pobreza, possam fazer suas escolhas de vida e não se vêem obrigados a se sujeitar a toda uma exploração que não querem. Sabemos e acreditamos ser possível um futuro diferente, pois temos como base desta certeza a expressão que estas mulheres conclamam como uma autêntica profissão de fé: Deus é mais.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- BARCELAR, Jéferson Afonso. **A Família da Prostituta**. Ática: São Paulo, 1982, p. 49-75.
- BEOZZO, Pe. José Oscar. **Escravos e escravas no Brasil colonial (1500–1822) e no Brasil independente (1822–1888)**. In: D’ANS, Hugues (org). **Mulher: da escravidão à libertação**. São Paulo: Paulinas, 1989. p. 7-20. Coleção Pastoral e comunidade.
- BRUM, Eliene. **A história de uma menina de programa**. Revista Época, Globo, ano III, nº 127. Out/ 2000, p. 62-66.
- _____. **Mulheres de Ouro. As prostitutas do século XXI – parte III (final)**. “**Garimpo: Mulheres de ouro**”, Revista Época, Globo, ano III, nº 129, nov. /2000. p. 62-67.
- BURK, Peter (org). **A Escrita da História**. [Tradução de Magda Lopes]. São Paulo: Ed. da Universidade Estadual, Unesp, 1992. 349p.
- CADERNO DO CEAS. **De quem é o Centro Histórico de Salvador?** Nº 96, p. 40.
- CALDWELL, Killy. **Fronteira da diferença: raça e mulher no Brasil; A vida pode dar em droga!; As profissionais do sexo e o uso de drogas**, p. 91.
- CONFERÊNCIA NACIONAL DOS BISPOS DO BRASIL. COMISSÃO EPISCOPAL DE PASTORAL. **Prostituição: desafio para a Igreja e a Sociedade**. São Paulo: Paulinas, 1976. 176p (Estudos da CNBB, 15).
- ELIADE, Mircea. **O sagrado e o profano**. Tradução Rogério Fernandes. São Paulo: Martins Fontes, 1992, 191p.
- ESPINHEIRA, Carlos G. D’Andréa. **Comunidade do Maciel**. Secretaria de Educação e Cultura. Fundação do Patrimônio Artístico e Cultural da Bahia, 1971.
- ESPINHEIRA, Gey. **Divergência e Prostituição: uma análise sociológica da Comunidade Prostitucional do Maciel**. Rio de Janeiro: Templo Brasileiro; Salvador: Fundação Cultural do Estado da Bahia, 1984. 162p. (Série Cultural Baiana).
- FACULDADE DE TEOLOGIA NOSSA SENHORA DA ASSUNÇÃO E EDITORA PAULINAS. **A prostituição em debate: depoimentos, análises, procura de soluções**. [Equipe de redação Assis Ângelo... etc. {al} – São Paulo: Paulinas, 1982. 96p. (Teologia em diálogo, 8)].
- FRIGÉRIO Teo, **Hermenêutica e Gênero. Corpo...Corpo...Corpo...Hermenêutica**. Cebi, Revista A Palavra na Vida, nº 155/156. 2000.

- HÄHNER, June E. **A Mulher no Brasil**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1978. Tradução de Eduardo F. Alves. Coleção Retratos do Brasil, vol. 112. 175p.
- LIMA, Selma Silva. **Libertação**. Revista Mulher, Ano XI nº 45, abril/maio/jun, 1996.
- LOPES, Maricel Mena. **Corpos que redescobrem e se descobrem**. In: À flor da pele: ensaios sobre gênero e corporeidade. São Leopoldo: Sinodal/Cebi, 2004.
- MESLIN, Michel. **A experiência humana do Divino: fundamentos de uma Antropologia Religiosa**. Tradução de Orlando dos Reis. Vozes: Petrópolis, 1992, 3.007p.
- PIRES, Dom José Maria (apresentação). **O grito de milhões de escravas: a cumplicidade do silêncio**. 2 ed. revista e ampliada. Vozes: Petrópolis, 1986, 223p.
- PORCILE SANTISO, Maria Teresa. **A Mulher, espaço de salvação**. Tradução I.F.L. Ferreira; Revisão H. Dalbosco. São Paulo: Paulinas, 1993, p.427.
- Projeto CHAME **Migração feminina internacional: causas e conseqüências**. (Centro Humanitário de Apoio à Mulher), 2000.
- QUALLS - CORBETT, Nancy. **A prostituta sagrada: a face eterna do Divino**. São Paulo: Paulus, 194p.
- RAGO, Margareth. **Do cabaré ao Lar – a utopia da cidade disciplinar, Brasil, 1890 – 1930**. 2 ed. São Paulo: Paz e Terra, 1987.
- _____. **Os Prazeres da noite: prostituição e códigos da sexualidade feminina em São Paulo (1890 – 1930)**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1991.
- REVISTA CEPAT Informa, nº 82, abril/ 2000.
- REVISTA CLAUDIA: A REVISTA DA MULHER. **Que graça elas têm?** Abril, nº 2, ano 41 – fev. / 2002. p.110-114.
- REVISTA DOSSIÊ SUÍÇA. Patrocinada pelo FIZ (Fraueninformationsszentrum), em Zurique, Suíça. Impressos em Salvador, Brasil. Jul. /1994.
- REVISTA DE ESTUDOS FEMINISTAS. Publicação semestral. Centro de Filosofia e Ciências Humanas – UFSC/ Centro de Comunicação e Expressão – UFSC, vol. 8, nº 2, 2000.
- REVISTA SEM FRONTEIRA. **Mulheres excluídas: a rua, a batalha, os sonhos**. Ago/1995, p. 19-22.
- RIBEIRO Jr., Amaury. **Meninas: produto de exportação**. Revista Isto É, 5/jul./2002, nº 1705, p. 38-44.
- ROBERT, Nickis. **As prostitutas na História**. São Paulo: Rosa dos Tempos, 1997.

ROY, Ana. **Tu me deste um Corpo**. Paulinas: São Paulo, 2000, 177 p.

SERVIÇO À MULHER MARGINALIZADA. **A mais excluída entre os excluídos**. Revista Mulher / Libertação, nº 40, jan/fev/mar., São Paulo, 1995.

SEVERINO, Antônio Joaquim. **Metodologia do trabalho científico**. São Paulo: Cortez, 2002.

SEVERINO, Francisca Eleodora Santos. **Memória da morte, memória da exclusão**. São Paulo: Letras& Letras, 1993, 116p.

SOUZA, Júlio César de. **Corporeidade étnica e social**. Revista Mulher Negra. Petrópolis: Vozes, ano 84, mar./abr., 1990, nº 2.

VIEIRA, João Luiz. **As prostitutas do século XXI – parte II. A mansão libertina**. Revista Época, ano III, nº 128. Out. 2000, p. 74-81.

Consultas na Internet: www.aids.gov.br.

www.umbigodomundo.com.br.